



O fato de o meu primeiro encontro com Mitko B. ter desembocado numa traição, ainda que pequena, deveria ter me servido de alerta na época, o que por sua vez teria feito meu desejo por ele diminuir, se não desaparecer por completo. Mas um alerta, em locais como os banheiros do Palácio Nacional da Cultura, onde nos conhecemos, é como algum elemento adjacente ao ar, ubíquo e inescapável, tanto que se torna parte daqueles que o habitam, e portanto componente essencial do desejo que nos atrai para lá. Mesmo enquanto eu descia as escadas ouvia sua voz, que, como o restante dele, era grande demais para aquelas dependências subterrâneas, transbordando delas como se ascendesse de volta para dentro da tarde luminosa que, apesar de estarmos em meados de outubro, não tinha nada de outonal; as uvas que pendiam maduras das parreiras cidade afora rebentavam ainda mornas na boca da gente. Fiquei surpreso ao ouvir alguém falando tão livremente num lugar onde, de acordo com um código tácito, as vozes não costumavam ultrapassar um sussurro. Ao pé da escada paguei meus cinquenta *stotínki*<sup>[1]</sup> para uma mulher idosa que me encarou do seu guichê com uma expressão ilegível enquanto recolhia as moedas; com a outra mão ela apertava o xale para afastar o frio que ali era constante, em qualquer estação. Só quando me aproximei do final do corredor ouvi uma segunda voz, não tão alta quanto a primeira, mas respondendo num murmúrio abafado. As vozes vinham do segundo dos três compartimentos do banheiro, onde podiam ser de homens que lavavam as mãos, se o ruído de água as acompanhasse. Fiz uma pausa no ambiente externo, observando-me nos espelhos que cobriam a parede enquanto escutava a conversa deles, embora não conseguisse entender uma palavra. Só havia uma razão para homens estarem postados ali: os banheiros do NDK (como o Palácio é chamado) são bem escondidos e têm tal reputação que não são usados praticamente para mais nada; e, no entanto,

quando entrei no recinto, essa explicação pareceu contradizer a atitude do homem que atraiu minha atenção, que era cordial e franca, inteiramente pública naquele lugar de intensas intimidades.

Ele era alto, magro, mas de ombros largos, com o corte de cabelo militar muito popular entre certos rapazes em Sófia, que simulam um estilo hipermásculo e um certo ar de criminalidade. Mal notei o homem com quem ele estava, que era mais baixo, submisso, com cabelo louro descolorido e uma jaqueta jeans de cujos bolsos nunca tirava as mãos. Foi o homem mais alto que se virou para mim, ao que parece com interesse amistoso, isento de agressividade ou temor, e, embora tomado de surpresa, eu me vi sorrindo em resposta. Ele me cumprimentou com um elaborado jorro de palavras, diante do qual eu só pude abanar a cabeça, aturdido, enquanto apertava a manopla que ele me estendeu, oferecendo como desculpa e defesa as poucas frases que eu havia praticado até o entorpecimento. Seu sorriso se alargou ainda mais quando ele percebeu que eu era um estrangeiro, revelando um dente frontal lascado, cujo gume irregular (eu descobriria) ele esfregava obsessivamente com o indicador em momentos de preocupação. Mesmo a um braço de distância dava para sentir o cheiro do álcool que emanava não tanto do seu hálito como das suas roupas e do cabelo; isso explicava sua liberdade num lugar que, mesmo com toda a sua licenciosidade, era limitado por certa inibição, e explicava também a característica natureza inocente do seu olhar, que era intenso, mas não ameaçador. Ele falou de novo, tombando a cabeça para um lado, e numa mistura de búlgaro, inglês e alemão ficou estabelecido que eu era americano, que estava naquela cidade havia algumas semanas e ficaria pelo menos um ano, que era professor no American College, que meu nome era mais ou menos impronunciável em seu idioma.

Ao longo da nossa trôpega conversa, não se mencionou o estranho local do nosso encontro, ou os usos aos quais era quase exclusivamente reservado, de modo que ao falar com ele eu sentia uma ansiedade composta igualmente de desejo e



constrangimento diante do mistério de sua presença e propósito ali. Havia também um terceiro homem presente, que entrou e saiu várias vezes do reservado mais distante, olhando firmemente para nós, mas sem jamais se aproximar ou dizer uma palavra. Por fim, depois de darmos por terminadas nossas apresentações, e depois que esse terceiro homem entrou de novo em seu reservado, fechando a porta, Mitko (como agora eu sabia ser seu nome) apontou na direção dele e me lançou um olhar bastante significativo, dizendo *Iska*, ele quer, e em seguida fazendo um gesto lascivo cujo sentido era claro. Tanto ele como seu companheiro, a quem ele se referia como *brat mi* e que não tinha falado desde que eu cheguei, riram disso, olhando para mim como se quisessem me incluir na piada, embora evidentemente eu fosse um objeto da zombaria deles tanto quanto o homem que os escutava de dentro do reservado. Eu estava tão ansioso para fazer parte da turma deles que quase sem pensar sorri e abanei a cabeça de um lado para o outro, num gesto que significa aqui tanto concordância e afirmação como um certo espanto diante das esquisitices do mundo. Mas percebi no olhar que eles trocaram que essa tentativa de me associar a eles só fazia aumentar a distância entre nós. Querendo recuperar o prumo, e depois de uma pausa para organizar na minha cabeça as sílabas necessárias (que poucas vezes, apesar desses esforços, emergem como deveriam, mesmo agora, quando me dizem que falo *khubavó* e *právilno*, quando constato uma surpresa diante da minha fluência numa língua que quase ninguém que já não saiba se dá ao trabalho de aprender), perguntei-lhe o que estava fazendo ali, naquele recinto gélido com sua atmosfera de umidade. Acima de nós, lá fora, ainda parecia verão, a praça estava cheia de luz e de pessoas, algumas delas deslizavam em skates ou patins de rodinhas, ou pedalavam bicicletas elaboradamente personalizadas, gente da mesma idade daqueles homens.

Mitko olhou para o amigo, a quem se referia como irmão, embora eles não fossem irmãos, e então o amigo se dirigiu à porta da saída e Mitko sacou sua carteira do bolso de trás da

calça. Abriu-a e tirou de dentro um pequeno quadrado de papel brilhante, uma página arrancada de uma revista e dobrada várias vezes. Desdobrou a página cuidadosamente, com as mãos um pouco trêmulas, equilibrando-a para evitar que qualquer matéria solta que estava dentro caísse na umidade e na imundície em que pisávamos. Adivinhei o que ele iria revelar, é claro; minha única surpresa foi com o pouco que ele tinha, um mero montículo de folhas esmigalhadas. *Dez leva,*<sup>[2]</sup> disse ele, e acrescentou que ele, o amigo e eu, nós três, podíamos fumar aquilo juntos. Não pareceu desapontado quando recusei essa oferta; apenas dobrou de novo sua página com cuidado e a enfiou de volta no bolso. Mas também não se afastou, como eu temi que fizesse. Eu queria que ele ficasse, ainda que no curso da nossa conversa, que avançava aos trancos, com interrupções e recomeços, e que não deve ter durado mais do que cinco ou dez minutos, tenha se tornado difícil imaginar que o desejo que eu sentia cada vez mais forte por ele tivesse alguma perspectiva de satisfação. Com toda a sua afabilidade, enquanto falávamos ele de algum modo misterioso dava a impressão de se retrair diante de mim; quanto mais evitávamos qualquer proposta erótica, mais definitivamente ele parecia inatingível, não tanto porque fosse lindo, embora eu o achasse lindo, mas por outra qualidade ainda mais proibitiva, uma espécie de segurança ou desenvoltura corporal que sugeria ausência de dúvidas e de tormentos pessoais, de qualquer melindre quanto à existência. Irradiava a sensação de simplesmente aceitar seu direito a um certo quinhão da benevolência do mundo, mesmo que sem dúvida este lhe houvesse sido negado. Olhou para o amigo, que não havia se movido para juntar-se a nós depois que Mitko escondera seu minúsculo bagulho, e depois de trocarem mais um olhar o amigo virou as costas para nós, já não mais tanto para vigiar a porta, senti, do que para nos oferecer alguma privacidade. Mitko olhou para mim de novo, ainda de modo amistoso, mas com uma nova intensidade, e então inclinou levemente a cabeça e levou uma das mãos até a virilha. Não pude deixar de olhar para baixo, claro, assim como não consegui conter a excitação, que tive



certeza que ele notou quando meu olhar se encontrou de novo com o seu. Ele esfregou os primeiros três dedos da outra mão, fazendo o sinal universal de dinheiro. Não havia nenhuma sedução na sua atitude, nenhuma demonstração de desejo; o que ele oferecia era uma transação, e mais uma vez não mostrou desapontamento quando, de modo automático e sem hesitação, eu lhe disse não. Era a resposta que eu sempre dera a tais propostas (que são inevitáveis nos lugares que frequento), não por convicção moral, mas por orgulho, um orgulho que havia enfraquecido em anos recentes, à medida que eu me dava conta de que, com a passagem do tempo, estava sendo transferido de uma categoria a outra de objeto erótico. Mas tão logo pronunciei a palavra, me arrependi, enquanto Mitko dava de ombros e tirava a mão da virilha, sorrindo como se tudo tivesse sido uma piada. E então, quando ele afinal se virou para ir embora com o amigo, acenando com a cabeça em despedida, eu gritei *Tchakai tchakai tchakai*, espere espere espere, repetindo a palavra depressa e na entonação precisa que eu ouvira uma velha usar num cruzamento uma tarde, quando um cachorro de rua começara a serpentear no meio do tráfego. Mitko se virou no ato, tão dócil como se a nossa negociação já tivesse acontecido; talvez na sua cabeça já fosse uma coisa garantida, como era na minha, embora eu fingisse ser cético quanto às mercadorias em oferta, tentando afirmar algum domínio sobre a avassaladora excitação que estava sentindo. Baixei os olhos para sua virilha e em seguida os ergui novamente, dizendo *Kolko ti e*, qual o seu tamanho, a frase-padrão, sempre a primeira pergunta nas salas de bate-papo da internet que eu frequentava. Mitko não disse nada em resposta, só sorriu, entrou num dos reservados e desabotoou a braguilha, e meu fingimento de hesitação desmoronou quando me dei conta de que pagaria o preço que ele quisesse. Dei um passo em direção a ele, esticando o braço como se reivindicasse aquelas mercadorias no ato, sempre fui um péssimo negociador ou regateador, meu desejo era imediatamente visível, mas Mitko se abotoou de novo, erguendo a mão para me manter à distância. Pensei que fosse pagamento o que queria, mas em vez disso ele

me contornou, dizendo que esperasse, e voltou para a fileira de pias de porcelana, todas elas rachadas e manchadas. Então, com uma candura corporal que atribuí à embriaguez, mas que descobriria depois ser um traço intransferível seu, libertou da calça jeans a longa mangueira do seu pau e debruçou-se sobre a pia para lavá-lo, retraindo-o e estremecendo um pouco porque a água sai somente fria da torneira. Levou um tempo para ele se dar por satisfeito, no primeiro sinal de um escrúpulo que nunca deixaria de me surpreender, em vista da sua pobreza e das precárias circunstâncias em que vivia.

Quando voltou, eu lhe perguntei o preço pelo ato que eu queria, que era dez *leva* até eu abrir a carteira e achar só notas de vinte *leva*, uma das quais ele reclamou com avidez para si. De fato não me importava, as somas eram quase igualmente irrelevantes para mim; eu teria pagado o dobro, e o dobro do dobro, o que não digo para sugerir que dispunha de recursos de sobra, mas sim porque o corpo dele me parecia infinitamente precioso. Era surpreendente para mim que qualquer quantidade daquelas notas sujas pudesse tornar disponível aquele corpo, que depois da mais simples das trocas eu pudesse estender a mão para ele e tê-lo em meu poder. Enfiei minha mão por baixo da camisa justa que ele vestia, e ele me empurrou de leve para poder despi-la, soltando cada um dos seus botões e depois pendurando-a no trinco da porta do reservado, às suas costas. Era mais magro do que eu supunha, menos definido, e os pelos que cobriam seu tronco tinham sido raspados, restando uma rala penugem, de tal maneira que pela primeira vez me dei conta do quanto ele era jovem (depois saberia que tinha 23 anos) quando o vi ali postado, como um menino, exposto diante de mim. Acenou para que eu me aproximasse de novo, com a cortesia exagerada que alguns bêbados adotam, que pode preceder, e mesmo em minha excitação essa ideia nunca esteve longe, explosões também exageradas de fúria. Mitko me surpreendeu então inclinando-se para a frente e pousando sua boca na minha, beijando-me generosamente, de modo incontido, e embora não tivesse feito nada para suscitar tal contato eu o acolhi com gosto



e suguei avidamente sua língua, que estava desinfetada com álcool. Eu sabia que ele estava fingindo um desejo que não sentia, e acho mesmo que estava bêbado demais para qualquer possibilidade de desejo. Mas existe algo de teatral em todos os nossos abraços, acho, já que ponderamos nossas reações em comparação àquelas que percebemos ou projetamos; sempre desejamos demais ou de menos, e compensamos na mesma proporção. Eu estava atuando também, simulava acreditar que a sua exibição de paixão era uma resposta genuína ao meu próprio desejo, no qual não havia nenhum fingimento. Como se detectasse esses pensamentos, ele me apertou com mais força junto a si, e pela primeira vez eu captei, por baixo do odor mais poderoso e quase opressivo do álcool, o cheiro dele mesmo, que seria a maior fonte de prazer que eu obteria dele e que buscaria (no seu pescoço, no seu saco, embaixo dos braços) em cada um dos nossos encontros. Aquilo pôs um fim em meus pensamentos, ergui uma das mãos dele acima da sua cabeça, rompendo nosso beijo para pressionar meu rosto na sua axila (ele raspava ali também, a pele era áspera na minha língua), inalando seu aroma como se sorvesse algum nutriente necessário numa fonte inadequada. Então caí de joelhos e o tomei em minha boca.

Alguns minutos depois, bem antes de ele me dar o que me era devido, obrigação que assumira ao arrancar uma nota suja de vinte *leva* da minha mão, Mitko emitiu bem alto um estranho som e se retesou, abrindo os braços e colocando as mãos espalmadas nas paredes laterais do reservado. Foi uma encenação pobre de um orgasmo, se é que era um, até porque nos poucos minutos em que eu o chupei ele não tinha mostrado reação alguma. *Tchakai*, eu lhe disse em protesto enquanto ele recuava e se recompunha, *iskam óchte*, quero mais, mas ele não cedeu, sorriu para mim e fez um gesto para que eu ficasse longe, ainda cortês ao vestir a camisa que tinha pendurado tão cuidadosamente atrás de si. Eu o observava desconsolado, ainda de joelhos, enquanto ele chamava seu amigo que estava do lado de fora, a quem chamou de novo de *brat mi* e quem lhe respondeu do lado de fora. Talvez ele tenha visto que eu estava



furioso e quisesse me lembrar de que não estava sozinho. Ajeitando a roupa, correndo as mãos pelo tronco para ajustar o tecido ao corpo, sorriu sem maldade, sentindo talvez que tinha me dado o que devia. Então destrancou a porta e a fechou ao sair. Ajoelhado ali, ainda saboreando o gosto metálico de água de torneira da pele dele, senti minha raiva amainar ao me dar conta de que o meu prazer não era diminuído pela sua ausência, o que sem dúvida era uma traição (tínhamos nosso contrato, embora não tivesse sido assinado nem expresso em palavras) apenas aprimorara nosso encontro, fazendo com que ele se tornasse presente de modo mais vívido, mesmo eu tendo sido deixado ali sozinho de joelhos, e permitindo que eu, com toda a liberdade da fantasia, pudesse fazer com ele o que quisesse.

Procurei Mitko repetidamente nas semanas seguintes, e depois do terceiro ou quarto encontro decidi convidá-lo ao meu apartamento. Eu o queria para mim, livre da plateia que tínhamos com tanta frequência no NDK, onde homens rondavam junto à porta do reservado ou encostavam o ouvido nas suas paredes, como eu mesmo havia feito quando me via entre os não escolhidos. Eu queria mais tempo e mais privacidade com Mitko, mas estava sem jeito, também, e reconhecia a tolice de trazer aquele semidesconhecido para dentro da minha casa. Lembrei-me do alerta de um homem que tinha me convidado, depois de nos encontrarmos no banheiro, para tomar café com ele na grande cafeteria no prédio principal do Palácio. Esses rapazes, ele me disse, você não pode confiar neles, eles vão bisbilhotar sua vida, vão contar no seu trabalho, vão contar para os seus amigos, vão roubar você — e de fato eu tinha sido roubado, uma vez com sucesso e outra em que ao agarrar a mão do rapaz quando ele a tirava do meu bolso, ele me encarou com olhar selvagem, o pobre garoto, e fugiu. O resto do alerta daquele homem entrou por um ouvido e saiu pelo outro, já que eu tinha pouquíssimo a perder com tais revelações — ninguém se sentiria traído, nada seria prejudicado pela exposição de segredos que eu mal me dava ao trabalho de esconder; nunca fui bom em ocultar coisa alguma, toda a propensão da minha natureza é para a confissão. Mitko e eu já tínhamos feito sexo; foi depois, quando, sentado num banco ao sol, que ainda estava morno embora agora já fosse novembro e as uvas tivessem murchado em suas videiras, eu decidi voltar aos banheiros subterrâneos e fazer-lhe a minha proposta. Marcamos um encontro para a noite seguinte, e seus olhos brilharam à visão do meu celular, que tirei do bolso pela primeira vez na sua presença para registrar o seu número. Ele o arrancou de mim, só dizendo *Moje li?*, posso?, depois que o tinha nas mãos, e enquanto eu o observava rolando a tela do aparelho com seus vários ícones e aplicativos, me lembrei do



alerta que havia recebido.

Mas essa inquietação não foi suficiente para me dissuadir, e na tarde seguinte, depois das aulas, corri para o centro da cidade. Nos encontramos de novo no NDK, onde o surpreendi numa confusão com outros três ou quatro homens junto à parede do fundo. Eles se dispersaram quando apareci, embora eu não tenha me aproximado, mas apenas me postado desajeitadamente na soleira. Mitko, que estava de costas para mim, virou-se e sorriu, ofereceu sua mão e ao mesmo tempo me levou para fora do recinto e para longe de seus amigos (se é que eram amigos), conduzindo-me para o centro comercial acima. Enquanto subíamos as longas escadarias, afastando-nos daqueles compartimentos que sempre pareceram pequenos demais para ele, com seu corpo, sua voz e sua afabilidade espremidos pelos ladrilhos úmidos das paredes, senti, além da excitação que havia antevisto, uma felicidade inteiramente inesperada. *Kak si?*, perguntei enquanto atravessávamos a pé o centro comercial do NDK, como você está?, e ele me mostrou os nós dos dedos da mão direita, esfolados e em carne viva, as feridas ainda recentes. Disse que tinha brigado com outro homem lá no subsolo, embora as razões disso não tenham ficado claras para mim. Tomei sua mão por um momento, olhando os pequenos machucados que o tornavam ao mesmo tempo feroz e combalido, e imaginei como eu trataria deles, passando pomada e depois os pressionando contra os meus lábios. Mas esse era um tipo de ternura que nunca fizera parte dos nossos encontros e que estava especialmente fora do lugar agora que ele reencenava sua luta com *jabs* rápidos no ar. Caminhamos pelo bulevar Vassil Léovski, as pernas compridas de Mitko galgando o calçamento enquanto eu me esforçava para acompanhar seu passo, ele falava por todo o caminho, e só fragmentos do que ele dizia eram compreensíveis para mim. Pela primeira vez eu lhe perguntei onde morava e ele respondeu *S priáteli*, com amigos, um termo que ele usava com frequência e que eu nunca sabia bem como interpretar, já que além de seu sentido habitual Mitko o usava para se referir aos clientes. Ficou claro para mim, enquanto me

esforçava para entender seu fluxo verbal (frequentemente pontuado com *razbírach li?*, está entendendo?), que Mitko vagava de um lugar para outro, às vezes dormia com aqueles amigos, às vezes caminhava pelas ruas até o amanhecer. Quando o clima estava ruim, ele ia para um quartinho num sótão cuja chave um amigo lhe dera (*Edná mansarda*, disse, fazendo o formato de um telhado com as mãos), onde havia um colchão, mas nenhum aquecimento nem água corrente.

Falar dessas coisas pareceu deixar Mitko inquieto, e ele mudou de assunto dizendo que, embora eu o tivesse encontrado no NDK, onde ele passara boa parte do dia, ele se poupava para a nossa noite juntos. Ele me olhou de esguelha ao dizer isso (*Razbírach li?*) e eu me senti corar de excitação. Mitko parecia ansioso também, cheio de uma energia que o empurrava para a frente, e enquanto percorríamos o Vassil Léovski em direção à Graf Ignátiev, atravessando inúmeras ruas e passagens, mais de uma vez eu tive que segurar seu braço, dizendo de novo *Tchakai tchakai tchakai*, para impedir que fosse atropelado pelo tráfego. Quando chegamos à Graf Ignátiev, ele parou diante de uma das muitas casas de penhores e de produtos eletrônicos, avaliando os produtos expostos nas vitrines. Fiquei surpreso com o tanto que ele sabia sobre aqueles celulares e tablets, seus monólogos pontuados por palavras em inglês para as várias especificações dos aparelhos, *pixels* e *memory cards* e *battery life*, informações que devia ter coletado em propagandas e nos folhetos que apanhava em qualquer lugar que lhe oferecessem. Tentei apressá-lo, impaciente para chegar logo em casa e inquieto pelo que cada vez mais pareciam sinais, especialmente quando Mitko me contou que seu atual celular, um modelo que ele claramente queria trocar por um melhor, foi um presente que ganhou de um de seus amigos. Essa palavra, *podáruk*, presente, reapareceria várias vezes na conversa de Mitko naquela noite, aplicada, ao que parecia, a quase tudo o que ele possuía.

Chegamos finalmente ao limite da Graf Ignátiev, e, ao nos aproximarmos do pequeno rio que circunda a área central de Sófia, na verdade pouco mais que um fosso de drenagem, Mitko



disse *Tchakai malko*, espere um pouco, e desceu da calçada para a vegetação esparsa da margem do rio. Dei mais alguns passos, depois me virei para olhar para ele, embora mal conseguisse distingui-lo (estava escuro agora, a noite de outono tinha caído enquanto caminhávamos) ele estava de pé na margem e se aliviava nas águas do rio. Parecia totalmente despreocupado com os passantes, com o tráfego pesado em uma das ruas mais movimentadas de Sófia; e, ao me flagrar espiando, pôs a língua para fora e balançou o pau com a mão, lançando seu mijo em altos arcos por sobre as águas, fazendo-o cintilar à luz dos carros que se aproximavam. Foi um gesto tão inocente, tão cheio de irreverência infantil, que me vi sorrindo estupidamente para ele, cheio de uma sensação de benevolência que me fez flutuar até a estação de metrô para a nossa curta viagem. Só havia uma linha de metrô em Sófia (embora outras estivessem planejadas e grandes valas tivessem sido cavadas em bairros por toda a cidade), e durante os horários de pico dava a impressão de que a população inteira estava se movendo pelo subterrâneo, alternadamente engolida e vomitada pelas portas automáticas. Não havia assentos vagos no trem de Mladost, e Mitko e eu ficamos um pouco separados um do outro, com vários corpos apertados entre nós. Mitko examinava os mapas acima de cada porta, observando as luzinhas das estações se acenderem à medida que passávamos por elas, mas de quando em quando ele me lançava um olhar, como para se assegurar de que eu ainda estava ali, ou de que a minha atenção ainda estava fixa nele, e o seu olhar agora não era inocente, de modo algum; era um olhar que me selecionava, um olhar cheio de promessa, e sob o seu ardor eu me senti de novo tomado tanto pelo prazer como pelo constrangimento, e por uma excitação tão tremenda que me obrigava a desviar os olhos.

Quando saímos para a superfície, na última estação do metrô, Mladost 1, transbordando com os outros passageiros para o bulevar Andrei Sákharov, fiquei surpreso ao ver que Mitko conhecia bem a área. Depois de se localizar por um momento, apontou na direção de um dos *blokove*, os horrendos conjuntos

de apartamentos soviéticos que se enfileiram dos dois lados do bulevar, e disse que ali era a casa de um de seus *priáteli*. Como sempre acontecia enquanto estávamos juntos, fiquei frustrado com os fragmentos que eram tudo o que eu conseguia entender de suas histórias, em parte por causa do meu precário domínio do búlgaro, e em parte porque ele falava sempre numa espécie de código, de modo que eu raramente compreendia com precisão a natureza dos relacionamentos que ele descrevia ou o motivo de terem terminado como terminaram. Nunca antes eu conhecera alguém que combinasse tamanha transparência (ou aparência de transparência) com tamanho mistério, de tal maneira que ele parecia ao mesmo tempo superexposto e escondido por trás de fortificações intransponíveis. Permanecemos em silêncio enquanto caminhávamos para o meu prédio, e ambos talvez pensassem no que nos esperava lá. Na minha rua, cuja relativa prosperidade a destacava das adjacentes, Mitko entrou num mercadinho para comprar bebida e cigarros, um lugar onde eu parava com frequência; as pessoas que trabalhavam lá me conheciam, e eu me perguntei com constrangimento o que estariam pensando ao nos ver juntos. Mitko entrou primeiro e espalmou as mãos sobre o tampo de vidro do balcão, fazendo o vendedor estremecer, e então se debruçou para espiar as garrafas mais caras expostas na parede do fundo. Examinou várias, pedindo repetidamente ao homem, para a crescente irritação deste, que estendesse cada uma delas por cima do balcão para que ele pudesse ler seus rótulos. Escolheu a garrafa de gim mais cara, bem como um refrigerante barato de laranja para acompanhá-lo, e depois tomou a sacola da minha mão para carregá-la subindo os três andares de escada até o meu apartamento. Eu vivia num agradável apartamento de dois quartos providenciado pela minha escola, fato que tentei comunicar a Mitko quando ficou claro que ele achava que eu era o proprietário. Não tenho tanto dinheiro, eu lhe disse, tentando esclarecer a modesta realidade dos meus recursos, mas ele recebeu a afirmação com ceticismo, e mesmo com descrença. Mas você é americano, disse, todos os americanos têm dinheiro.



Protestei, dizendo-lhe que era professor de colégio, que não ganhava quase nada; mas era óbvio que ele pensasse daquela maneira tendo visto meu laptop, meu celular, meu iPod, signos de conforto nos Estados Unidos, ainda que não particularmente de riqueza, mas que aqui são itens de certo luxo.

Mitko pousou a sacola com suas garrafas na bancada da cozinha e abriu os armários do alto, à procura de um copo. Encostei atrás dele e deslizei minha mão por baixo da sua camisa, pressionando a boca no seu pescoço, mas ele me repeliu sacudindo os ombros, dizendo que tínhamos tempo de sobra para aquilo, queria tomar um drinque antes. Tomou seu grande copo de gim com refrigerante e abriu a porta para a pequena sacada que todos os apartamentos daqui têm. Ficou em pé ali por um tempo enquanto bebia, observando a rua onde eu morava, que parece nunca ter recebido um nome. Nenhuma das ruas menores de Mladost tem nome, embora, no centro, toda a história da nação, suas vitórias e derrotas, as muitas indignidades e pequenos orgulhos de um pequeno país, resplandeçam nos nomes de suas avenidas e praças. Aqui em Mladost, são os *blokove*, as enormes torres, que ancoram as pessoas no espaço, cada uma com seu próprio número marcado individualmente nos mapas da cidade. Enquanto ele contemplava a rua lá embaixo, perguntei-lhe o que fazia para viver, querendo com isso dizer o que ele havia feito, antes de se voltar, por alguma razão, para os seus *priáteli*. Ele fumava um cigarro, por isso estava na sacada, embora essa consideração tenha sido abandonada à medida que a noite avançava, e na manhã seguinte eu tenha sido obrigado a varrer do chão montículos de cinzas. Em grande parte por meio de gestos, informou que havia trabalhado em construção, imitando com as mãos machucadas os gestos de seu ofício, chegando até a dar alguns passos como se estivesse caminhando sobre uma viga elevada, equilibrando-se contra o vento. Demorei um momento para me dar conta de que aqueles movimentos, que eram estranhamente familiares, eram os mesmos com os quais meu pai, na minha infância, muitas vezes nos fazia rir ao contar histórias sobre o verão que ele

passou trabalhando na construção em Chicago, logo depois de sair de sua fazenda em Kentucky, para custear seu curso de direito e assim, entre outras coisas, propiciar minha vida.

Mitko me contou que era de Varna, uma linda cidade portuária na costa do mar Negro e um dos centros do espantoso boom econômico que a Bulgária desfrutou fugazmente, antes, aqui como em tantas partes do mundo, de entrar em colapso de repente e ao que parece sem aviso prévio. Houve alguns anos bons, disse Mitko, nos quais ele tinha ganhado um bom dinheiro, e com súbita urgência me arrastou da sacada para a mesa onde eu deixara o computador. Quando o abriu, emitiu um som de desalento pelo estado em que eu o deixava, com a tela manchada de poeira; *Mrúsen*, disse, sujo, com o mesmo tom de voz que usaria em resposta aos pedidos que eu lhe fiz depois, um tom de zombaria e de reprovação, mas também de tolerância, detectando um defeito que não estava a seu alcance explorar ou consertar. Levantou-se e foi até a bancada da cozinha, abrindo dois armários e em seguida um terceiro antes que eu entendesse o que ele estava procurando e fosse apanhar o frasco de detergente embaixo da pia. Pousou seu drinque (o grande copo quase vazio) na mesa a seu lado e colocou o computador no colo, quase como se o embalasse, e com um pano umedecido começou a limpar a tela, não de modo apressado e aleatório, como eu talvez fizesse quando finalmente me desse ao trabalho, mas sem se apressar, trabalhando com um perfeccionismo que eu nunca julgaria necessário. Passou para o teclado, quase tão sujo quanto a tela, e depois fechou a máquina e, com seu quinto ou sexto pano limpou a cobertura de alumínio. *Segá*, disse com satisfação, agora, e pousou o computador de volta em seu suporte, satisfeito por ter me prestado um serviço. Abriu-o de novo e navegou por um site búlgaro, uma rede social adulta que eu sabia ser popular entre homens gays. Queria que eu visse as fotos do seu perfil, que ampliou até ocuparem a tela toda. Isso foi há dois anos, disse ele enquanto eu olhava para o rapaz da imagem, postado no bulevar Vitocha com uma sacola de uma das lojas caras de lá, sorrindo radiante a quem quer que estivesse



apontando a câmera, exibindo seu dente intacto. Fiquei chocado com a diferença entre os rostos, do homem na imagem e do homem a meu lado; não apenas o dente ainda não estava quebrado, mas também sua cabeça não estava raspada, seu cabelo castanho-claro era volumoso, com um corte convencional. Não havia nele absolutamente nada de rude ou ameaçador; parecia um bom garoto, um garoto que poderia ser meu aluno na escola prestigiosa em que lecionava. Não parecia possível que fossem a mesma pessoa, aquele próspero adolescente e o homem a meu lado, ou que um tempo tão curto pudesse produzir tamanha diferença, e me peguei olhando alternadamente para a tela e para Mitko, me perguntando qual rosto era mais verdadeiro, e como ele tinha sido perdido ou obtido.

Veja, disse Mitko, apontando para a tela enquanto recitava as marcas do que para mim pareciam itens comuns de vestuário: calça jeans, uma jaqueta, uma camisa de botões; também um cinto; também um par de óculos de sol. Ele se lembrava até mesmo dos sapatos que calçava naquele dia, embora não fossem visíveis na tela; talvez fossem sapatos especiais, ou talvez um dia especial. *Khubavi*, disse ele, uma palavra que significa adorável ou bacana, e, em seguida, manuseando seu colarinho, *mrússen*, disse, e despiu pela cabeça a camisa imunda e virou as costas para a tela, nu da cintura para cima. Eu me inclinei para a frente (tinha me sentado junto a ele) e beijei seu ombro, um beijo casto, uma expressão da tristeza que sentia por ele, talvez, embora não sentisse só tristeza diante daquele tronco agora exposto ao meu lado. Ele olhou para mim, sorrindo abertamente, o mesmo sorriso da foto ou quase o mesmo, embora eles não se parecessem nem um pouco, um deles transformado — era espantoso o quanto — pelo dente quebrado, evidência de algo que tinha vivenciado. Inclinou a cabeça em direção à minha, mas não para dar o beijo que eu esperava; em vez disso, numa rápida surpresa, de modo jocoso e sem nenhum laivo de sedução, lambeu a ponta do meu nariz, e em seguida retornou a sua tarefa. Havia muitas outras fotos, o rapaz retratado em cenas

cambiantes: ora à beira-mar, ora nas montanhas, sempre nas roupas descontraídas das quais se orgulhava tanto, o uniforme genérico de jovens americanos endinheirados, mercadorias de intermináveis araras de intermináveis shopping centers de bairros nobres.

E havia fotos nas quais ele não vestia coisa alguma, curvando-se em posições de exibição erótica difíceis de conciliar com o gesto doce e inocente que acabara de realizar. Numa dessas fotos, Mitko estava estendido numa cama, virado de lado de modo a encarar a câmera, exibindo toda a extensão de seu corpo comprido. Estava com uma ereção, e uma das suas mãos brandia o pau em direção à lente, era o foco e o centro da fotografia. Não estava sorrindo dessa vez, sua expressão era séria, como quase sempre acontece nas fotos de sites assim; passei noites inteiras navegando por elas, sentindo uma mistura estranha de expectativa e enfado, cada clique uma promessa de novidade que nunca se cumpria. Mesmo sem seu sorriso, havia uma intensidade no olhar de Mitko que me convenceu de que aquela câmera também era operada por alguém significativo, alguém que provocava o seu olhar; e a eficácia da foto (se eu estivesse percorrendo imagens teria parado naquela, teria sido capturado por ele) estava precisamente naquele olhar, que, embora não se dirigisse a nenhum dos homens que porventura estivessem vasculhando aquelas páginas, ainda assim poderíamos reivindicar para nós. Tentei reivindicá-la agora, me virei para Mitko e coloquei minha mão na parte interna da sua coxa e me inclinei de novo para beijá-lo no pescoço; as fotos tinham me excitado, eu queria afastá-lo do computador. *Tchakai*, disse ele, *imame vreme*, temos tempo, quero te mostrar outra coisa. Clicou em outra foto e eu vi que estava certo, havia alguém atrás da câmera: um rapaz da mesma altura e compleição de Mitko, com o mesmo estilo de cabelo e de roupa. Estavam inteiramente vestidos, o que só tornava mais erótico o seu abraço, e a atenção de cada um estava plenamente dedicado para o outro; agora não havia ninguém atrás da câmera, que era manuseada por Mitko, com um daqueles braços estendidos de modo estranho na nossa



direção, em direção a mim e àquele outro Mitko que a contemplava junto comigo. Seu outro braço enlaçava o garoto, cujos dois braços, por sua vez, o envolviam; pareciam equilibrados em seu desejo, em sua urgência e em sua fome um pelo outro. Era tentador pensar que não havia nada de teatral naquele beijo, que ele era totalmente sincero; e, no entanto, a mesma lente que me permitia acesso à cena tornava o abraço deles uma pose, de modo que, mesmo que sua plateia fosse apenas hipotética, mesmo que fosse uma versão posterior deles próprios, depois de um ano ou de uma hora, ainda assim a lente tornava aquele amasso, por mais apaixonado que fosse, uma performance.

Nesse momento, Mitko, o Mitko sentado a meu lado, tomando grandes goles do copo grande que ele tinha voltado a encher, encostou seu dedo na tela, um dedo manchado de cigarro (*mrússen*) e ralado pelo trabalho, um dedo grosso e deselegante, com os novos machucados ainda vivos nos nós. Julien, disse ele, o nome do homem, e me contou que foi seu primeiro *priátel*, usando agora a palavra de uma maneira clara, seu primeiro namorado e, conforme me contou em seguida, seu primeiro amor. Havia mais fotos, sempre os dois sozinhos, um ou outro posicionando desajeitadamente a câmera. Eram tão jovens, aqueles garotos no enquadramento, verdadeiras crianças, e, no entanto, apesar da avidez de um pelo outro, era como se estivessem documentando algo que sabiam que não podia durar. Claro que não havia testemunhas em sua cidadezinha do que eles eram um para o outro, nem suas famílias nem seus amigos, nem mesmo estranhos que passassem pela rua, já que nenhuma das fotos foi tirada ao ar livre. Exceto por aquelas fotos, por aquelas lembranças digitais que ele repassava agora, nada teria sobrevivido daqueles abraços que, por mais ardentes que fossem, tinham chegado ao fim. Onde ele está agora?, perguntei a Mitko, inundado de ternura e desejando ter acesso a alguma intimidade maior com ele. Não me olhou enquanto respondia, ainda clicando de uma imagem a outra, a mão livre passando distraidamente sobre o seu peito. Era um professor de colégio,

Mitko me contou, foi estudar no exterior e agora morava na França, tendo fugido de seu país junto com (pensei) quase todo mundo que tinha talento ou recursos financeiros para isso. Daqueles dois homens enganchados na tela, então, um partiu, amparado pelo talento ou pelos recursos financeiros ou pelas duas coisas, e o outro ficou e de algum modo se transformou de um garoto de aspecto promissor num homem mais ou menos sem-teto que eu convidara para o meu apartamento.

Como se captasse a minha tristeza e a compartilhasse, querendo dar voz a ela, Mitko abriu uma nova página, um site búlgaro de vídeos, em que se pode encontrar quase tudo, leis de *copyright* significam muito pouco aqui. Música, disse Mitko, quero que você ouça uma coisa, e digitou o nome de uma cantora francesa, alguém de quem eu nunca tinha ouvido falar e cujo nome me escapa agora, numa ferramenta de busca que listou um número impressionante de arquivos. Mitko navegou por várias páginas, procurando o clipe de uma canção que ele compartilhava com Julien, uma coisa que eles tinham ouvido juntos e que ambos amavam. Cada uma das imagens em miniatura mostrava uma mulher frágil iluminada suavemente, segurando o microfone com as duas mãos como se rezasse. Talvez todos aqueles cliques fossem do mesmo show, ou talvez o vestido branco simples, longo, que ela vestia em todos eles fosse uma espécie de marca registrada. Mitko encontrou o vídeo que queria, e quando ele começou fiquei comovido com a ideia de que ele estava me concedendo acesso a uma história pessoal e, desse modo, à intimidade que eu ansiava ter com ele, e de que aquela música, tão ligada ao seu passado, talvez permitisse que essa intimidade fizesse a travessia entre nossos dois idiomas. E, no entanto, enquanto assistia àquela mulher, que era linda, de uma espécie oca de beleza, fui me sentindo cada vez mais rejeitado pelo que parecia uma manipulação transparente e inteiramente despretensiosa. Ela cantava num sussurro sufocado, afetando um grau extremo de devastação nobre e fotogênica, e no final de uma passagem bastante trágica ela caía no que me pareceu um pranto obviamente ensaiado, baixando o



microfone numa posição de derrota. De quando em quando a câmera (era um filme profissional, um vídeo de show elaborado) se posicionava junto ao ombro da cantora, incitando-nos a uma empatia maior com ela por compartilharmos sua superioridade sobre os milhares de fãs que se apinhavam na escuridão. Eles explodiram numa espécie de êxtase à visão de suas lágrimas, produzindo coletivamente um som de aflição misturada com alegria. Ah, dizia aquele som, eis aqui afinal a vida significativa, a verdadeira vida que nos livra de nós mesmos.

Esses pensamentos me levaram para longe do momento que eu dividia com Mitko, e me fizeram sentir que também eu tinha sido manipulado, atraído arditosamente para um sentimentalismo de todo impróprio para o que era, afinal, uma transação. Enquanto Mitko continuava olhando enternecidamente para a tela, com um olhar que agora eu suspeitava ser artificial, calculado e astuto, eu me levantei, coloquei as mãos nos seus ombros e inclinei de novo meu rosto para o seu pescoço. *Khaide*, falei, vamos, provando seu gosto e puxando seus ombros. Ele primeiro tentou me afastar de novo, disse que tínhamos tempo, a noite era longa; estava contando com um lugar para passar a noite, e sem dúvida tinha vivido ocasiões em que a hospitalidade foi cancelada, de repente, por homens cujo desejo se dissolveu imediatamente em repugnância. Mas insisti, querendo afirmar alguma coisa, estabelecer os termos da noite, reclamar, por fim, as mercadorias que havia adquirido, para dizer de um modo brutal; era algo brutal que eu queria. Quando percebeu que eu não ia me afastar, Mitko tornou-se dócil, e até desejoso; levantou-se da cadeira e colocou os braços em volta do meu pescoço, então saltou e me envolveu com as pernas. Eu nunca havia sentido seu peso antes, ele sempre ficara de pé enquanto fazíamos sexo, e me surpreendi com sua leveza ao carregá-lo da cozinha até a cama. Depositei-o na cama e ele se esticou, estendendo os braços abertos para os lados, como em acolhimento, e a nova dureza que eu havia adotado desmoronou; eu era o dócil agora, sendo essa docilidade, enfim, o que eu tinha adquirido. O quarto estava

escuro, mas eu ainda podia enxergá-lo à luz que vinha do corredor e da janela, o fulgor dos letreiros de néon e dos postes de iluminação, e o contemplei sem me mexer, como se agora que ele me dava permissão eu hesitasse em tocá-lo. Sorriu para mim, ou para o que viu em meu rosto, e então estendeu o braço e me puxou para sua boca, que estava doce por causa do refrigerante. Manteve a mão no meu pescoço, e depois de nos beijarmos afastou meu rosto e em seguida empurrou minha cabeça para baixo; já estava teso, tinha reagido tanto quanto eu ao nosso beijo. Mas eu não estava tão dócil no fim das contas, sacudi a cabeça para libertá-la, e então tomei suas mãos nas minhas, como me imaginara fazendo, aquelas suas mãos machucadas, e as trouxe aos meus lábios. Ele sorriu para mim de novo, inclinando um pouco a cabeça, um pouco confuso com a delonga, mas não tardei muito, e ele abriu as pernas enquanto eu descia minha boca para o seu pau, agarrando seus quadris com as duas mãos como agarramos a borda de uma xícara para beber.

Ele estava errado ao temer (se é que temeu) que eu fosse querer que ele fosse embora depois que tivéssemos acertado nossas contas, por assim dizer, que o fizesse voltar ao centro e vagar por suas ruas. Eu queria que ele ficasse, queria me deitar ao seu lado, tocá-lo sem paixão agora, mas com mais ternura, e senti desapontamento e até dor quando ele saltou da cama, como se estivesse ansioso por escapar. Tudo bem, perguntou, *vsitchko li e nared*, e então saiu nu pelo corredor, de volta ao computador, enquanto eu vestia de novo as minhas roupas. Escutei o som de mais gim sendo despejado no copo, em seguida de teclas sendo pressionadas, e logo o toque característico do Skype quando é aberto. Fui me juntar a ele, e o observei começar o que seria uma longa série de conversas pela internet, conversas de voz e vídeo com uma porção de outros rapazes. Sentei numa cadeira a certa distância atrás dele, de onde podia ver a tela sem me colocar dentro do quadro. Aqueles homens todos pareciam estar falando de quartos escuros, em vozes sussurradas, me dei conta, para evitar perturbar suas famílias que dormiam (era tarde agora, uma ou duas da madrugada) no quarto ao lado. A maioria deles existia



apenas como rostos, que eram tudo o que se podia ver deles no pequeno círculo de luz de uma única lâmpada. Eles saudavam Mitko com afeto, com familiaridade, embora eu viesse depois a saber que ele nunca se encontrara pessoalmente com a maioria deles, que sua amizade se restringia àqueles encontros incorpóreos. Enquanto ouvia aqueles homens, todos eles morando fora de Sófia, muitos em cidadezinhas e aldeias, fiquei espantado com a estranheza da comunidade que haviam formado, ao mesmo tempo tão limitada e tão animada. Mitko mudava de uma conversa para outra, falando e teclando ao mesmo tempo, a tela se acendendo regularmente com novos convites e chamadas. Eu não conseguia acompanhar o que diziam, mal compreendia alguma coisa; estava exausto, e com o passar do tempo fiquei entediado. De quando em quando eu tinha um sobressalto, alertado por uma palavra solta ou por seu tom de voz, que Mitko estava falando sobre mim; e me sentia impotente ao ser objeto de conversas que não conseguia entender e das quais não podia participar. Uma ou duas vezes Mitko orquestrou uma apresentação, girando a tela de maneira a me incluir na imagem, e o estranho e eu sorriamos sem jeito e acenávamos, não tendo nada em absoluto a dizer um ao outro. Fui ficando crescentemente contrariado à medida que a noite avançava, já que cada vez mais eu suspeitava que era objeto de zombaria ou de escárnio; e além disso me sentia amargurado pela minha exclusão do entusiasmo de Mitko, e com ciúme da atenção que ele prodigalizava àqueles outros homens. Para alimentar ou protelar essa amargura, não sei bem, ou talvez só por enfado, apanhei na minha estante um livro de poemas e o segurei aberto sobre o colo. Era um volume fino, Kaváfis, que escolhi na esperança de encontrar nele alguma coisa que redimisse minha noite, que maquiasses o que parecia cada vez mais a sordidez dela. Mas eu estava exausto demais para ler e folheei as páginas ao acaso, temendo que se fosse dormir acabasse descobrindo ao acordar que meu apartamento tinha sido roubado, que Mitko levava meu computador e meu celular, coisas que ele cobiçava e das quais eu não cuidava e (na cabeça

dele, sem dúvida) não merecia. Ao virar aquelas páginas, sem conseguir encontrar nelas o menor consolo, notei que a tendência das conversas de Mitko havia mudado, que ele não conversava mais afetuosamente, mas de modo insinuante, e que seus *priáteli* agora eram mais velhos que ele, homens beirando os quarenta ou os cinquenta. Por palavras soltas que captei, ficou claro que estavam discutindo situações e preços, que Mitko estava organizando sua semana.

Havia um homem, mais velho que os outros, com quem a conversa foi mais prolongada. Era corpulento e calvo, com um restolho de barba num rosto que parecia ao mesmo tempo flácido e cansado à luz dura do aposento onde estava sentado, fumando um cigarro atrás do outro. Morava em Plovdiv, a segunda maior cidade da Bulgária, que havia escapado dos bombardeios na Segunda Guerra Mundial e por isso conservava sua linda área central. Ao escutar a conversa dos dois, atentando não para as palavras mas para os tons e cadências das suas falas, me lembrei da primeira vez que estive naquela cidade, o primeiro lugar que visitei fora de Sófia, e portanto a primeira vez que via a arquitetura típica do Renascimento búlgaro, com suas elaboradas estruturas de madeira e seus radiantes tons pastel que eram como expressões de uma alegria irreprimível, tão diferente do cinzento de Mladost. Plovdiv foi construída, a exemplo de Roma, como uma cidade de sete colinas, que é como muitos búlgaros ainda a descrevem, embora uma das colinas tenha sido destruída e escavada, na época comunista, em busca das pedras que hoje pavimentam as ruas de pedestres no centro. Numa das colinas remanescentes se ergue uma enorme estátua de um soldado soviético, chamado de Aliócha pelos locais, em torno da qual se estende escalonadamente em declive um grande parque, com níveis que se abrem para praças e belvederes que descortinam amplas vistas da cidade. Um lado desse parque é bem-cuidado, com largas escadarias e caminhos bem conservados, frequentados por casais, famílias e atletas de fins de semana, a sociedade desfilando sua vida pública. Mas na minha primeira visita, sem saber de nada, um amigo e eu subimos pelo



outro lado do morro, que dava a forte impressão de estar abandonado. Aquele lado também tinha suas escadarias e trilhas, embora as pedras se deslocassem e quebrassem sob os nossos pés; com frequência tínhamos que agarrar galhos ou arbustos para manter o equilíbrio, e uma ou duas vezes chegamos a cair de joelhos. Entretanto, durante a nossa subida ficou claro que aquelas trilhas não eram totalmente desertas. Fazendo uma parada para contemplar a cidade e o caminho que tínhamos percorrido, notamos um homem em um dos mirantes mais baixos, a quem não tínhamos visto enquanto subíamos, seja porque ele tinha se escondido, seja porque estávamos absortos em nossos próprios esforços. Ele segurava numa das mãos um saco plástico, que de quando em quando levava até o rosto, mergulhando nele a boca e o nariz e aspirando com avidez; mesmo à distância podíamos ver o movimento dos seus ombros, que sacudiam como se ele estivesse chorando. Ao afastar o saco plástico do rosto sua postura amoleceu, todo o seu corpo relaxou, ele cambaleou um pouco, instável sobre os pés; em seguida se aprumou e, avançando para o parapeito enferrujado, estendeu as mãos em direção à cidade, numa expressão de carência, êxtase ou aflição que até hoje me assombra. A certa altura ele agarrou aquele parapeito com as duas mãos e se debruçou sobre ele, vomitando com grande compostura sobre os arbustos abaixo. Enquanto escalávamos a colina passamos por estruturas abandonadas, baixas e de concreto, ruínas invadidas lentamente por galhos e raízes, de modo que muitas vezes só restava o contorno de um cômodo, às vezes uma única parede. Mas num ponto de observação, onde paramos de novo para tomar fôlego, havia uma fileira dessas estruturas, cascas de concreto que, embora desprovidas de portas e janelas, pareciam, de resto, mais ou menos intactas. Os interiores eram escuros demais para que se pudesse enxergar, mas tive a impressão de que eles se estendiam bastante, penetrando na rocha, numa rede de pequenas cavidades como as de uma colmeia ou de uma mina. Enquanto estávamos ali percebemos a presença de três homens postados não muito longe, que deviam ter se escondido quando

nos aproximamos e agora emergiam das sombras. Estavam afastados uns dos outros, figuras solitárias, magros, de meia-idade, cada um deles protegendo um cigarro com a mão em concha. Embora não dessem sinais de reconhecer nossa presença nem olhassem na nossa direção, o ar vibrava com uma carga de eletricidade, e percebi que com um gesto poderia me enfiar com um deles naqueles cubículos, como teria feito (eu mesmo estava vibrando de excitação) se estivesse sozinho.

Talvez tenha sido alguma coisa reminiscente daquela carga elétrica que chamou minha atenção naquele cliente ou amigo de Mitko, um tom de carência que eu não havia detectado nos outros homens com quem ele conversou. O homem parecia muito ansioso por agradar, e sua ansiedade se misturava com agitação; e me parecia que Mitko saboreava o poder que exercia, seu poder de ficar satisfeito ou de refrear sua satisfação. Tenho uma coisa para você, ouvi aquele homem dizer, e ouvi também *podáruk*, a palavra que Mitko amava e que o homem usava agora para o celular que segurava diante da câmera, ainda dentro da caixa, um dos modelos que Mitko contemplara com tanta cobiça na Graf Ignátiev. E Mitko permitiu-se ficar satisfeito, sorriu para o homem e agradeceu, qualificando seu presente de *strakhóten*, uma palavra que significa formidável e é, igualmente, construída a partir de uma raiz que significa terror. Você vai ter que vir buscá-lo, disse o homem, e Mitko concordou, tomaria um ônibus para Plovdiv no dia seguinte. Enquanto estava sentado ali, imerso na fadiga, eu me dei conta de que era o meu dinheiro que compraria a passagem de Mitko até aquele homem e seu presente caro, e me perguntei como eu me tornara um daqueles homens na escuridão, oferecendo qualquer coisa por algo que não receberíamos de graça. Mitko já me apresentara aquele homem, virando a tela na minha direção para que pudéssemos cumprimentar um ao outro, o que fizemos de modo hesitante e com uma sombra de hostilidade por parte do outro homem, talvez porque eu fosse mais jovem que ele e (por algum tempo ainda) mais atraente; e talvez porque eu estivesse ainda de posse de Mitko, que lhe disse para mostrar de novo seu *podáruk*, para



que eu o admirasse ou, mais provavelmente, para que eu me instruisse. Mitko ainda era meu por aquela noite, por algumas horas ainda estava preso ao nosso contrato fictício; eu ainda podia desfrutar do desejo que aquele homem estava contando como seu, como recompensa pela extravagância do seu presente. Senti nele um tanto de ciúme da posse, muito embora minha posse fosse temporária, e nem fosse posse coisa nenhuma, e eu já estava amargurado pensando que na manhã seguinte veria Mitko partir para Plovdiv e para aquele outro homem, que o atraía para longe de mim com tanta facilidade.

Minha fadiga agora era uma espécie de agitação. Eu ficava abrindo e fechando o livro que segurava sem ler sobre o colo. Não conseguia encontrar o que havia achado nele antes, a restauração de algo como a nobreza em meio à insipidez do desejo, o sentimento de que aqueles encontros furtivos em ambientes escuros, ou o soturno comércio daquela minha própria noite, poderiam brilhar com genuína luminosidade, afluindo no terreno do ideal, prontos a se tornar metafísicos num instante. Pus o livro de lado, vendo que Mitko estava cansado também, cansado e visivelmente bêbado; esvaziara quase dois terços da garrafa que tínhamos comprado. Estava trôpego quando se levantou, depois de se despedir do homem de Plovdiv e anunciar sua intenção de, por fim, dormir. Ainda tínhamos três horas antes de precisar levantar, ele para sua curta viagem a Plovdiv, um par de horas num ônibus confortável; e eu para um dia de aulas, em que me postaria diante da minha classe com uma cara lavada da avidez, do servilismo e da carência que ela exibía enquanto eu seguia Mitko até o banheiro, colocando-me atrás dele (que ainda estava nu) quando se pôs a mijar. Passei as mãos por seu peito e seu abdome, magros e rijos, a pele das minhas palmas só roçando de leve a aspereza de seus pelos raspados; e então, diante das suas palavras de permissão ou incentivo, algo como Continue, não me importo, minhas mãos desceram mais e eu peguei animadamente a base do seu pau e envolvi a haste com uma das mãos, sentindo sob meus dedos o fluxo de líquido, grosso e urgente, e sentindo também minha

própria urgência, a dureza que eu pressionava contra ele. Ele inclinou a cabeça para trás, apertando seu rosto contra o meu, roçando-o (também ali estava áspero) contra a maciez do meu, e eu senti sua ereção ao terminar de mijar, enquanto eu cuidadosamente puxava seu prepúcio e dava a última sacudida, sentindo-me quase sufocar de tanto desejo, nunca tendo tocado alguém daquela maneira antes, nunca tendo prestado aquele serviço específico antes. Mitko virou-se para mim e me beijou de modo profundo, exploratório e possessivo, ao mesmo tempo me empurrando de volta ao corredor em direção ao quarto, me empurrando e talvez também me usando como apoio, até a cama larga onde tínhamos deitado antes e onde agora ele voltava a se deitar. Me envolveu em seus braços e me puxou para si, e não só os braços, me envolveu com as pernas, e todos os seus quatro membros me apertaram contra o seu corpo, me abraçando de tal maneira que, quando eu inspirava, o ar era filtrado através dele, recendendo a álcool evidentemente, mas também a seu próprio cheiro, que provocava em mim uma resposta animal, e me acendia todo (imaginei os compartimentos do cérebro se iluminando, como cômodos de uma casa). Lá ficou ele estendido como uma criatura marinha grudada em mim, me apertando de novo toda vez que eu me mexia ou quase despertava, e dormi como raras vezes dormi na vida, profundamente e quase sem perturbação, abraçado como se fosse seu amado ou seu filho; ou abraçado, suponho que se deva dizer, como seu cativo ou sua presa.



Não faz muito tempo, passei uma semana em Blagóevgrad, nos montes Pirin, acompanhando um grupo de estudantes a uma conferência sobre linguística matemática, um campo em que tenho pouco interesse e nenhuma competência. Tive longas horas, enquanto eles ouviam palestras, para explorar o lindo parque arborizado próximo ao nosso hotel, que seguia um riozinho por uns três quilômetros rumo à área de calçadas no centro, um refúgio de arquitetura humana quase intocado pelas devastações da engenharia civil da era soviética, embora maculada aqui e ali por novos prédios espalhafatosos de apartamentos com vista para o rio. Era primavera, ainda estavam nuas as *asmi*, treliças construídas sobre as mesas e bancos para que nelas se entrelançassem as videiras, por enquanto ainda mirradas e secas. Pendiam de seus suportes de madeira, vestígios de inverno numa paisagem já viçosa com a virada da estação. As árvores cintilavam com suas folhas novas e com flores de um tipo que eu jamais vira, corolas, pinhas e botões de flores, numa espécie de embriaguez elaborada. Nosso hotel ficava nos limites da cidade, onde as habitações humanas faziam uma tímida investida morros acima, sem chegar a parte alguma; pouco depois do gramado vigorosamente aparado do hotel havia bosques densos e matagais e, mais acima, penhascos impressionantes. Mesmo no parque ao longo do rio, onde eu passava minhas manhãs, havia uma espécie de estado selvagem romântico na trilha entre o flanco escarpado do monte e o rio, que, embora pequeno, descia das encostas com notável velocidade, rugindo ao agitar as pedras já quebradas de seu leito. Ao caminhar por aquela trilha eu me sentia arrancado de mim mesmo, enlevado, momentaneamente estupidificado pela beleza extravagante do mundo. O ar estava denso de movimento, de borboletas e mariposas diurnas, bem como de minúsculos efemerópteros brilhantes e perfumados, pairando iridescentes ao sol, empurrados de um lado para outro pela brisa suave. A relva e

as árvores estavam soltando no ar, numa grande exalação, cápsulas de sementes, cada um dos minúsculos grãos abrigado e impelido por um tufo de penugem como um paraquedas ou um guarda-chuva. Enquanto observava aquela sementeira da terra, eu pensava em Whitman, cujos poemas eu acabara de ensinar aos alunos que agora estavam ouvindo palestras sobre linguística matemática, que eles repetiriam para mim durante o jantar na cidade, me contando como imaginaram minhas reações às discussões sobre poesia e estruturas de métrica e rima, seus apelos numéricos ao nosso prazer. Havia versos nos poemas de Whitman que sempre tinham me parecido exagerados em seu entusiasmo, em seu erotismo destrambelhado; eles me constrangiam um pouco, embora meus alunos os adorassem, saudando-os a cada ano com risadas. Foram esses versos que me ocorreram quando eu estava naquela trilha em Blagóevgrad, observando sementes que caíam como neve, foram eles que definiram e enriqueceram aquele momento. O que eram aquelas sementes senão os genitais do vento titilando suavemente, senão o ímpeto procriador do mundo, e me dei conta de que sempre havia feito uma leitura sofrível daqueles versos que eu não entendera direito; eles não eram exagerados coisa nenhuma, eram exatos, e por um momento eu compreendi o desejo de Whitman de ficar nu diante do mundo, sua loucura, como ele diz, de estar em contato com ele. Cheguei a sentir eu mesmo um pouco daquele desejo, embora para mim aquilo não tivesse nada de loucura, em minha vida vivida quase sempre sob o diapasão da poesia, uma vida de inibição e chances perdidas, talvez, mas também uma vida suportável, uma vida que até certo ponto eu havia escolhido e continuava a escolher.

Atravessei uma pontezinha de madeira para pedestres, parando brevemente para espiar as águas revoltas e sentir sua vibração na estrutura que me sustentava acima delas, e encontrei um pequeno café aninhado numa curva do rio, um pedaço de terra que as águas tinham poupado. O café era pouco mais que uma cabana, mas limpo e bem arrumado; atrás dele mesas de piquenique estavam espalhadas aleatoriamente à beira da água.



Muitas delas já estavam ocupadas e tive que sentar a uma certa distância do rio, embora ainda pudesse ouvir a água, um som que me acalma desde criança. Beberiquei minha xícara de café com leite morno, observando as outras mesas, que estavam repletas de grupos grandes e festivos, e me lembrei que havia um feriado qualquer naquele fim de semana, há feriados demais aqui para registrar todos. Crianças brincavam à beira da água com bolas, bastões e armas de plástico que emitiam luz e som. Enquanto as observava, ignorando os trabalhos que trouxera para corrigir, notei uma criança menor, de uns três ou quatro anos, que se mantinha afastada das outras. Estava em pé bem à margem do rio, e logo atrás dela estava agachado um homem que tomei por seu pai. Uma e outra vez, enquanto a observava, aquela menina, cingida na cintura pelo braço do homem atrás dela, se inclinava perigosamente (embora não houvesse perigo real) sobre o abrupto barranco da margem, espiando a água que corria meio ou um metro abaixo dela. Repetidamente pendia para a frente e repetidamente voltava a se endireitar, retornando à estabilidade com uma risada de prazer. Na quarta ou quinta vez que ela fez isso, inclinou-se ainda mais do que antes, de modo que o homem teve que estender o braço quase ao máximo que conseguia. Dessa vez ela não riu, como se estivesse surpresa e talvez enlanguescida por sua própria audácia, pelo risco que correria ao se inclinar tanto, o que evidentemente não era um risco de verdade com o braço do pai a segurá-la; em vez disso, agora ela se jogou para trás contra o corpo do pai e, estendendo os braços para se pendurar no pescoço dele, puxou-lhe a cabeça para baixo (ou talvez não tenha precisado puxá-la), juntando-a à sua. Só então ela riu, aninhada ao corpo do pai; riu com um júbilo que para mim era difícil reconhecer, tão seguro parecia da presença de um lar entre todas as coisas do mundo. Eles ficaram abraçados por um bom tempo, num tipo de contato físico quase nunca visto em público, talvez visto apenas entre pais e filhos pequenos, uma intimidade confiante na posse absoluta. Quem sabe ali estivesse um abraço inteiramente não teatral, pensei. Eu não era o único comovido, pude ver que outros os observavam

também, sorridentes e sonhadores, talvez um tanto melancólicos, como eu próprio estava, com a percepção tanto da minha própria exclusão como da rapidez com que aqueles abraços passariam. Eles assumiriam significados diferentes à medida que a criança crescesse, iriam se tornar mais comedidos; o mesmo contato que aqui enterneceu nossos corações iria em poucos anos suscitar nossa reprovação, nossa preocupação, e por fim nosso desprezo. E é assim, pensei então, quando o homem e sua filha soltaram um ao outro e se afastaram da água, é assim que, no exato momento que adquirimos plena consciência de nós mesmos, o que experimentamos é uma despedida e uma perda que passamos o resto da vida tentando recuperar. O homem e a filha voltaram para sua mesa, a menina correndo até uma mulher que se curvou para pegá-la no colo, fazendo-lhe um pouco de cócegas, de tal maneira que ouvi o riso da menina se sobrepor ao som da água. Por um momento, ao menos, pareceu plausível a história que eu contei sobre a sensação de deslocamento que sinto com tanta frequência, que foi aliviada nas poucas horas que dormi abraçado com Mitko, abraço ao qual eu voltei em pensamento ao observar aquela criança e seu pai à beira do rio em Blagóevgrad.

Aquela manhã que passei avaliando trabalhos foi quase dois meses depois do meu encontro final com Mitko em Varna, um encontro que, por sua vez, foi precedido por três meses de silêncio. Nos dias e semanas que se seguiram à noite que passamos juntos em Mladost, uma das duas únicas noites que, no fim das contas, iríamos passar juntos em todos os meses em que nos conhecemos, Mitko aparecia em meu apartamento a cada poucos dias, sempre afável e ansioso, e sempre com algum pedido. Toda vez que ouvia a campainha da porta do prédio, que ninguém mais tocava, eu me sentia dividido entre, por um lado, o gosto pelas rotinas da solidão (minha escrita e meus livros); e, por outro lado, o desejo pela excitação da presença de Mitko e da ruptura de todas as rotinas. Mas depois de semanas dessas visitas eu senti que já tivera o bastante em matéria de ruptura, e passei a ficar injuriado com os pedidos que ele fazia, que nunca eram



exorbitantes (dinheiro para comprar cigarros ou créditos para o seu celular, uma vez quarenta *leva* para um par de sapatos), mas que pareciam nunca ter fim. Ainda assim, na própria noite em que dei um fim a tais visitas, meu coração disparou como sempre acontecia ao ouvir a campainha que anunciava sua presença. Ele se mostrou amável quando abri a porta e parecia estar bem, mas fiquei preocupado com seu estado; suas roupas, com as quais ele sempre fora tão caprichoso, estavam sujas, e quando ele passou por mim eu percebi pelo cheiro que fazia dias que não tomava banho. Tínhamos acabado de sentar no sofá, ele tinha acabado de me dar um sorriso convidativo e eu tinha acabado de deitar minha cabeça no seu peito, inalando seu cheiro acre, quando ouvimos uma batida na porta. Eu me esquecera do meu jantar com C., um amigo que morava no andar acima do meu e que também lecionava no American College; ele estava passando para irmos juntos a um restaurante nas proximidades. Mitko ficou contente em ver aquele amigo, que ele conhecera antes numa de suas visitas e por quem ficara claramente encantado, como acontecia com quase todo mundo que conhecia C., que tinha um charme espontâneo, insinuante, e não obstante se mantinha completamente indiferente às necessidades e desejos dos outros, de tal maneira que parecia sempre recuar ao mesmo tempo que convidava ao assédio. Mitko mal tirava os olhos dele e o tocava sempre que podia, sempre com toques firmes e afáveis, uma linguagem física que ele usava para compensar a incapacidade dos dois de trocar palavras; e, no entanto, eram toques que, embora não tivessem em si nada de sedutor, eu sabia que, ao mais leve sinal de permissão ou desejo, teriam se transformado em uma excitação sexual.

No jantar, Mitko pediu muito mais do que tinha condições de consumir, como sempre fazia com comida, bebida e cigarros. Fiquei logo exausto pelas minhas tentativas de traduzir, e afundamos num silêncio interrompido de quando em quando pelas interpelações abruptas de Mitko, quase todas dirigidas a C. por meu intermédio. Talvez tenha sido por ciúme, então, que perguntei de repente a Mitko se ele gostava da sua vida em meio

a seus *priáteli*, formulando a pergunta desse jeito direto mesmo. *Né*, respondeu, com a mesma objetividade, mostrando sua relutância habitual a discutir qualquer coisa desagradável, especialmente sobre o seu passado ou sobre como veio parar onde parou. Eu o pressionava, sem saber ao certo se por crueldade, interesse ou preocupação, e, deixando inteiramente de lado o meu amigo, que era incapaz de acompanhar até mesmo meu búlgaro vacilante, perguntei a Mitko por que então escolhera viver como vivia. Sabia que a pergunta era ingênua, ou nem isso; era injusta, pois pressupunha uma liberdade de escolha que implicava um julgamento que não era da minha conta fazer. *Sudba*, disse Mitko, destino, a palavra solitária servindo para descartar de um só golpe toda escolha e toda consequência. Em Varna não havia empregos, disse ele, e em Sófia os empregos existentes estavam vetados a ele, já que não dispunha de endereço que pudesse fornecer aos empregadores, e não podia ter um endereço enquanto não tivesse trabalho. Esse foi o fim do nosso diálogo, que deu o tom do restante da noite, em que não houve mais nenhuma indireta da parte de Mitko (indireta que eu tinha recebido de modo ambivalente, para visível confusão dele) e durante o qual o seu ânimo também pareceu abatido em outros aspectos, assim como o meu. Ao mesmo tempo, eu queria consertar o estrago que havia causado e sentia com alívio a possibilidade de me desembaraçar de um emaranhado que se tornara mais intrincado do que eu era capaz de suportar. Parecia não haver atitude que eu pudesse tomar em relação a Mitko que me permitisse ser ao mesmo tempo compassivo e livre, de modo que eu oscilava entre a sofreguidão e a distância, uma ambivalência que, eu bem sabia, embora especialmente aguda com Mitko, caracterizava todos os meus relacionamentos, os casuais e os profundos. Quando nos levantamos da mesa, contei a Mitko que o acompanharia a pé até o metrô, deixando claro que daquela vez, pelo menos, não faríamos sexo. Fiquei aliviado por deixar isso claro, por descobrir que eu era capaz de deixar isso claro, mas ainda não me sentia à vontade comigo mesmo nem com ele, e o clima era pesado



enquanto caminhávamos. Eu pedira a C. que viesse junto; achei que ele ajudaria na minha decisão, e não queria estar sozinho quando me despedisse de Mitko, mas C. manteve-se à distância, caminhando alguns passos atrás de nós. Finalmente perguntei a Mitko se ele estava bem, pois não conseguia mais suportar seu silêncio. Ele desviou o olhar em direção ao tráfego no bulevar e disse *Iskam da jiveia normalno*, quero levar uma vida normal. Fiquei em silêncio por um momento, dividido entre uma tristeza terrível e o meu desejo de escapar. E então, contemplando seu rosto, eu disse, Não quero ser um dos seus clientes. Ele se virou para mim, surpreso, dizendo, Mas você não é um cliente, é um amigo, mas dispensei essa objeção com um gesto. Gosto demais de você, eu disse, desajeitadamente mas com franqueza, não me faz bem gostar tanto de você. A essa altura tínhamos chegado à estação, e ele ficou parado por um momento me olhando, aturdido, sem saber direito o que fazer com o que eu acabara de dizer, e talvez se perguntando qual das faces que eu lhe mostrara era a verdadeira, a face da carência à qual ele se acostumara ou esta nova face que subitamente estava fechada para ele. Então, como se decidisse que não valia a pena tentar entender, deu de ombros e estendeu a mão, pedindo uma nota de dez *leva* para partir.

Por três meses não houve nem sinal de Mitko, e no decurso desse tempo a minha surpresa diante da possibilidade de ele ter levado a sério minhas palavras de despedida converteu-se em preocupação e, por fim, em saudade. Foi numa tarde de fim de semana, no final de fevereiro, que ele apareceu com um assobio no Skype, do qual estivera ausente todo aquele tempo, como também estivera ausente do NDK e das ruas que eu passei a rondar na esperança de encontrá-lo de novo e de retomar o fio que eu (como agora me parecia) havia deixado cair muito depressa e sem a devida reflexão. Que coisa mais extraordinária o fato de que, com a pressão de uma tecla, sem tempo para o arrependimento, minha tela pudesse ser tomada pela imagem dele, preciosa para mim depois da longa ausência. Ele estava perscrutando sua própria tela; seu rosto, de início contraído pela atenção, de repente relaxou e ganhou vida, e ele abriu o que parecia ser um sorriso genuíno por me ver depois de todo aquele tempo. Enquanto falávamos, eu fitava sua imagem como se quisesse consumi-la, absorvendo o que eu descobria com surpresa que quase havia esquecido, embora ele tivesse me deixado tirar fotos suas naquela noite que passamos no meu apartamento, dezenas delas, e eu as tivesse contemplado com frequência nos meses em que ele estivera ausente. Mas agora eu podia ver como ele se movia, os gestos que fazia e que eram lépidos demais para fotografias, a narrativa viva dele, e fui inundado por uma saudade livre de qualquer ambivalência. Parecia melhor que da última vez que eu o vira, suas roupas estavam limpas, sua cabeça recém-raspada, de modo que foi um choque saber que ele passara as últimas dez semanas num hospital em Varna, derrubado por algum tipo de distúrbio do fígado. Não consegui entender os detalhes, seja por conta do meu búlgaro precário, seja porque ele evitou me contar muita coisa. O que falou foi do terrível tédio que sentia no hospital, onde ficou preso a um leito, sem computador e nem sequer uma



televisão para se distrair, já que a que estava instalada em seu quarto só funcionava se a alimentassem constantemente com moedas. Livros ou revistas tampouco serviam de diversão, já que ele lia o cirílico com dificuldade; deixara a escola na sétima série e se sentia mais familiarizado com os caracteres latinos usados nas salas de bate-papo da internet. Confessou isso para mim com vergonha evidente um dia em que eu tinha saído para comprar alguma coisa que ele queria — cigarros, bebida ou os doces que adorava — e ao retornar encontrei-o no computador, resmungando de frustração, incapaz de escrever no alfabeto cirílico para o qual o teclado estava programado ou de mudar a sua configuração. Seus únicos visitantes no hospital tinham sido sua mãe, sua avó e o rapaz que ele chamava de *brat mi*, a quem eu não via desde aquele primeiro dia no NDK.

Mas ele estava melhor agora, disse, sentia-se ótimo, embora dentro de um mês devesse voltar ao hospital para uma estada que talvez fosse tão longa quanto a primeira. Pensei na frequência com que, apesar de toda a sua exuberância, eu tinha visto Mitko doente, com seus resfriados, a infecção de ouvido que durara semanas, o herpes que às vezes desfigurava sua boca; pensei no quanto ele bebia e nos riscos da sua atividade, e por um instante desejei muito salvá-lo, embora não soubesse exatamente de quê nem como. Eu sabia que era um desejo ridículo, que pressupunha um relacionamento que eu não queria; e sabia também que Mitko nunca expressara nenhum desejo de ser salvo. Estava num cybercafé (de vez em quando eu via alguém passar por trás dele), e fazia cada vez mais uso do teclado enquanto conversávamos, escrevendo comentários que considerava sugestivos demais para ser ditos em voz alta. Isso teve o efeito que ele pretendia, de modo esmagador quando ele se levantou e, a pretexto de se alongar, exibiu seu corpo para mim, enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans para deixá-la bem justa na região do saco. Ao final da conversa, surpreendendo a mim mesmo, eu me propus a ir a Varna no fim da semana, proposta que ele aceitou avidamente. Ficarei com você o fim de semana todo, disse ele, prometo, *hundert protzent*.